The background is a dark, atmospheric painting. On the left, a classical column with a fluted shaft and a decorative capital is visible. On the right, a large, gnarled tree with dense foliage and some white flowers stands in a courtyard or garden. The central area is dominated by a bright, ethereal light source, possibly a window or a doorway, which casts a soft glow across the scene, creating a sense of mystery and depth. The overall color palette is dark, with deep blues, greys, and browns, punctuated by the warm light from the central source.

Organizado por Daniel Choma, Edson Luiz da Silva Vieira e Tati Costa

Revelações da História o Acervo do Foto Estrela

Fotografias de Yutaka Yasunaka e Carlos Stenders

2ª Edição Revista e Ampliada | Londrina, 2012 | Câmara Clara



Multidão à espera no evento de inauguração do Aeroporto de Londrina, em 8 de abril de 1956.
Todos imigrantes. Foto: Yutaka Yasunaka. Acervo: Foto Estrela.

Revelações da História: o Acervo do Foto Estrela

Fotografias de Yutaka Yasunaka e Carlos Stenders

2ª Edição Revista e Ampliada. Londrina-Paraná, 2012.

Coordenação Editorial

Daniel Choma

Coordenação de Projeto e Circulação

Edson Luiz da Silva Vieira

Coordenação de Pesquisa e Produção

Tati Costa

Artigos

Ana Maria Mauad

Daniel Choma

Edson Luiz da Silva Vieira

Rogério Ivano

Solange Cristina Batigliana

Tati Costa

Vanda de Moraes

Legendas e Biografias

Daniel Choma e Tati Costa

Realização

Instituto Câmara Clara

Patrocínio

Programa Municipal de Incentivo a Cultura de Londrina

Edição viabilizada pelo projeto “Foto Estrela - outras revelações”

E-mail: contato@camaraclara.org.br Site: www.camaraclara.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revelações da História: o Acervo do Foto Estrela.

Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa (organizadores) ; Fotografias de Yutaka Yasunaka e Carlos Stenders -- Londrina : Câmara Clara, 2012. 176p. : il. ; 22 x 22 cm

ISBN 978-85-62002-04-5

1. Fotografias. 2. Cidades. 3. Londrina – Fotografia. 4. Restauração – Acervo. 5. História – Norte do Paraná. 6. Imagem – Mídia. I. Choma, Daniel (Organizador). II. Costa, Tati (Organizador). III. Vieira, Edson (Organizador). IV. Yasunaka, Yutaka e Stenders, Carlos (Fotografias). V. Título.

CDD- 770

633.73

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografia: Artes 770
2. Cidades: Fotografia: Artes 770
3. Londrina: Fotografia: Artes 770
4. Restauração Acervo: Fotografia: Artes 770
5. História Norte do Paraná: Fotografia: Artes 770



Vistas de Londrina. Quatro cruzeiros cada. Revelação. Especialidade em cópia. Fotostatica. Na foto acima, realizada em 1964, Yutaka Yasunaka e seus irmãos Sumiko, Toyomi e Tsutomo, no balcão do Foto Estrela da Rua Mato Grosso 331, no centro de Londrina. À esquerda, as câmeras Zeiss e Rolleiflex, companheiras de Yutaka. Acervo: Foto Estrela.

Realizadores

Roteiro

Artigos

Difundir é preservar, preservar vivo. 10

Daniel Choma, Tati Costa e Edson Luiz da Silva Vieira.

Fotografias/memórias, um plural singular. 24

Ana Maria Mauad.

**O acervo do Foto Estrela como memória
fotográfica da cidade de Londrina.** 30

Rogério Ivano.

**Patrimônio cultural e políticas públicas - reflexão
sobre a política cultural do Programa Municipal de
Incentivo à Cultura de Londrina, na perspectiva de
uma política de atuação patrimonial.** 36

Vanda de Moraes e Solange Cristina Batigliana.

Breve biografia de Carlos Stenders. 22

Breve biografia de Yutaka Yasunaka. 158

Daniel Choma e Tati Costa.



Séries Fotográficas

Aeroporto. 44

Cafeicultura. 50

Avenida Paraná. 74

Cine Teatro Ouro Verde. 88

Catedral. 96

Centro Comercial e Julio Fuganti. 104

Concha Acústica. 08, 110

Centro de Saúde. 114

Quadra 19. 116, 122

Ruas Maranhão e Mato Grosso. 125

Rua Rio de Janeiro. 130

Prédio dos Correios. 132

Vistas aéreas do centro. 134

Estação Ferroviária. 144

Charretes. 149

Estação Rodoviária. 148

Família Yasunaka. 160

Carlos Stenders. 22

Foto Estrela. 01, 05, 12, 24, 26, 34



Detalhe do caça-palavras proposto na cartilha Londrina em Movimento, trabalhada com estudantes da rede pública estadual de ensino. 2011.

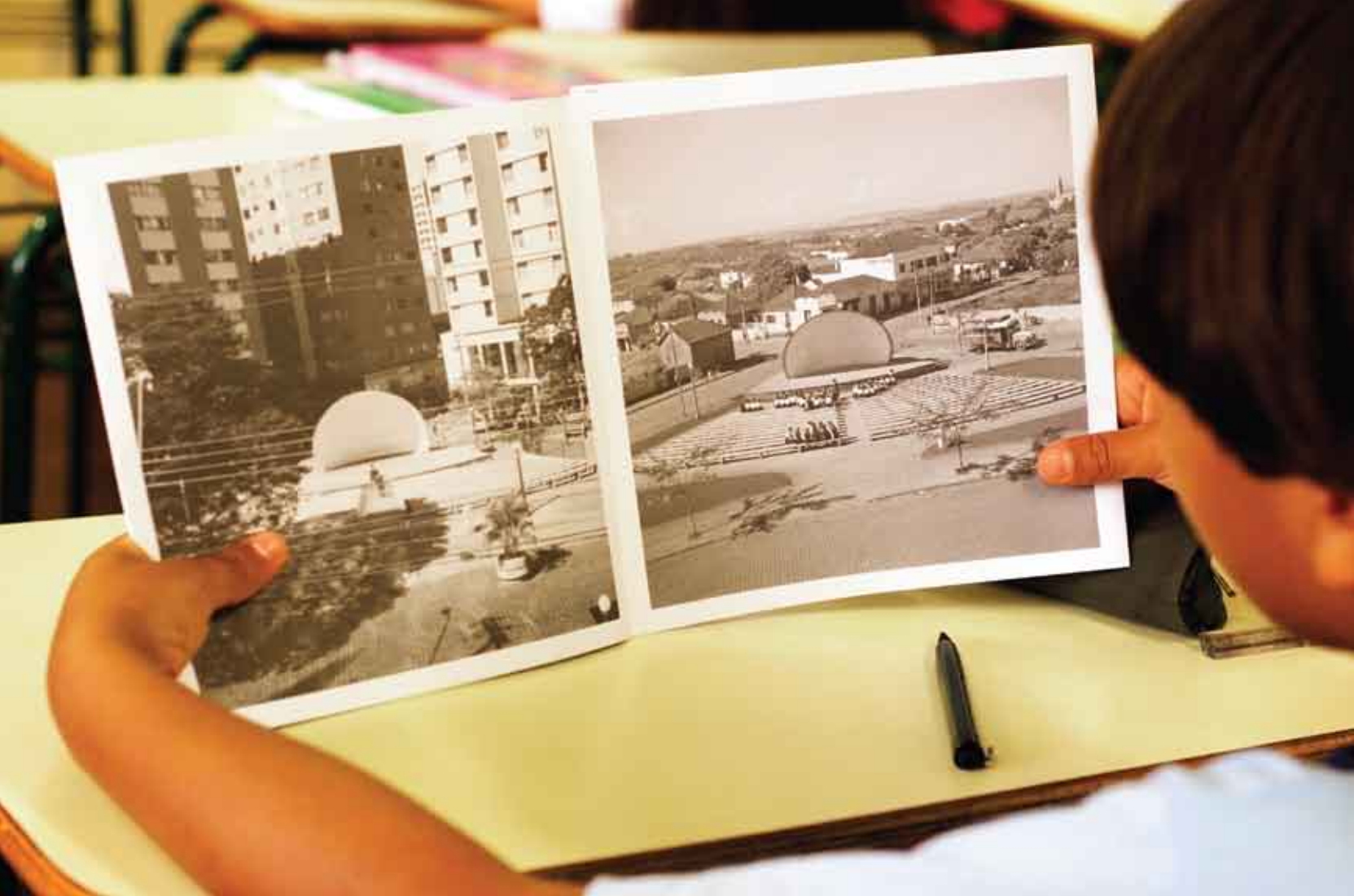
Foto: Daniel Choma. Acervo: Instituto Câmara Clara.



Concha Acústica, Praça Primeiro de Maio, Londrina. Final da década de 1950.
Foto: Yutaka Yasunaka. Acervo: Foto Estrela.



Concha Acústica, Praça Primeiro de Maio, Londrina. 2010.
Foto: Edson Vieira. Acervo: Instituto Câmara Clara.



Difundir é preservar, preservar vivo

Daniel Choma, Tati Costa e Edson Luiz da Silva Vieira
Coordenadores da Câmara Clara - Instituto de Memória e Imagem

Do cafezal a se perder de vista no horizonte aos horizontes vencidos pelo concreto. No meio século que separam as duas fotografias da Concha Acústica da Praça 1º de Maio, Londrina transformou-se verticalmente. De selva e sertão na década de 1930, fez-se capital mundial do café e uma das maiores cidades do sul do Brasil.

É neste caminho de transformações e segredos não revelados que se apresentam ao público fotografias inéditas do acervo do Foto Estrela. Fundado por volta de 1938 pelo alemão Carlos Stenders, foi um dos primeiros fotos estabelecidos na cidade, adquirido em 1952 por Yutaka Yasunaka, recém chegado do Japão. Tendo encerrado suas atividades em 2008, quando a procura por serviços fotográficos em preto e branco decaíram a ponto de tornar insustentável o negócio, o prédio do estúdio e laboratório foi demolido para dar lugar a um estacionamento. Mas o esquecimento não é a sina de todo patrimônio cultural.

Desde 2005, o imenso acervo fotográfico reunido nos cerca de 70 anos de atividade começou a ser trabalhado por nós - Daniel, Tati e Edson -, ao lado de Yutaka Yasunaka, visando sua preservação e circulação. Edson, que trabalhou como laboratorista no Foto Estrela entre 2002 e 2006, foi quem descobriu as caixas de negativo depositadas em um quartinho desativado nos fundos do estúdio. Agrupadas somente por ano de produção, o material estava precariamente armazenado em caixas de papel fotográfico, expostos ao calor e à umidade, sendo que parte do material já se encontrava em avançado estado de deterioração. Cerca de cinquenta anos após sua revelação, aqueles negativos voltavam, enfim, a entrar em contato com a luz e a história de homens e mulheres.

A primeira tarefa foi realizar uma separação dentre os milhares originais de fotos 3x4, fotos do estúdio de casamentos, formaturas, debutantes e familiares. De um conjunto de aproximadamente cinco mil negativos, mil e cem destes se referiam a vistas de Londrina. Tratam-se de fotografias da região central da cidade, do trabalho na cafeicultura e paisagens rurais, produzidas no objetivo de compor álbuns e cartões com fotos legendadas para venda no Foto Estrela. Dentre estas, a maioria são de autoria de Yutaka Yasunaka, registradas em negativos de acetato tamanho 6x6 cm entre 1952 e a década de 1970. No acervo também foram encontradas dezenas de fotos de Carlos Stenders, em negativos de acetato 6x9 cm, referentes ao final da década de 1940 e início da década de 1950, e que ficaram no laboratório quando Stenders vendeu o Foto Estrela para a família Yasunaka.



Na página ao lado, estudante da 3ª série vê fotos da Concha Acústica durante Atividade de Educação Patrimonial (2011).

À esquerda, início do trabalho de classificação de imagens a partir dos copióes fotográficos (2005).

Fotos: Daniel Choma.

Acervo: Instituto Câmara Clara.

Dada a importância histórica e cultural do acervo, o grupo começou a se mobilizar para que este não se perdesse pela ação do tempo e do esquecimento. A partir da elaboração e realização da primeira etapa do projeto **Revelações da História: o acervo do Foto Estrela**, iniciada em 2005, viabilizou-se recursos para a recuperação, higienização, catalogação, classificação e digitalização dos negativos, bem como a organização e publicação de Livro, CD-Rom e página na Internet.

Desde o início do trabalho sobre o acervo, para além de sua preservação pensou-se estratégias de democratização do acesso às imagens recuperadas. A doação de mais de 600 exemplares do livro a escolas públicas municipais e estaduais de Londrina, bibliotecas e associações culturais, a montagem e circulação de Exposições Fotográficas e, ainda, a publicação de página na internet com mais de duzentas fotos do acervo contribuíram decisivamente para que as imagens passassem a circular com vivacidade no meio social.

Yutaka Yasunaka, que até então não era reconhecido como um dos grandes fotógrafos pioneiros de Londrina, passou a ser entrevistado regularmente pelas principais rádios, tevês e jornais locais, regularmente. De 2007 pra cá, recebeu várias homenagens públicas, com destaque para o título de Cidadão Honorário de Londrina, recebido da Câmara de Vereadores.

A sociedade se apropriou das imagens do acervo do Foto Estrela dando a elas diversos usos e leituras. Fotos foram cedidas para ilustrar publicações das áreas de História, Geografia e Arquitetura; outras, utilizadas na campanha publicitária da Sercomtel sobre os 70 anos de Londrina, sendo impressas em cartões telefônicos, calendários de mesa, bolso e parede; muitas tantas foram e continuam sendo objeto de estudo de artigos e dissertações acadêmicas Brasil a fora. Além de disseminadas pela Internet, seja em Blogs ou mesmo por e-mail na forma de powerpoints, as imagens do acervo também receberam outros usos 'piratas' em espetáculos teatrais e paredes de boteco.

Calçamento da Rua Mato Grosso, em frente ao Foto Estrela.
Final da década de 1940. Foto: Carlos Stenders. Acervo: Foto Estrela.



A circulação das imagens em Exposições Fotográficas também deve ser destacada, visto os locais de grande acesso público em que ocorreram ou ainda ocorrem, tais como a Exposição Permanente na Rodoviária de Londrina (Terminal Rodoviário José Garcia Villar) e as itinerantes no Espaço de Fotografia Ouro Verde (2008), Museu de Arte de Londrina (2006) e nos eventos Fotolink - Encontro Internacional da Imagem (2010) e Imin 100 londrina (2008), dentre outros.

A partir da excelente recepção pública da primeira etapa do projeto Revelações da História, sentiu-se a necessidade de dar continuidade ao trabalho, com o desenvolvimento de novas ações de pesquisa, difusão e educação patrimonial sobre o acervo fotográfico do Foto Estrela. Elaborou-se então, em 2010, o projeto Foto Estrela – Outras Revelações, inscrito e aprovado pelo PROMIC.¹

Dentre as novas ações de pesquisa realizou-se a referencialização cronológica e geográfica de cerca de 150 fotografias, publicadas neste livro. Pesquisa feita a partir de detalhes, pegadas, vestígios, como o fotógrafo do filme Blow-Up, de Antonioni, a mergulhar na ampliação de imagens, a procura de indícios. Aqui, indícios que situassem o registro no tempo e no espaço, visto que nas entrevistas o próprio fotógrafo não conseguiu situar com precisão estas informações - haja vista as cinco décadas que separam os registros de sua lembrança. Neste trabalho, a consulta a bibliotecas, cartórios e publicações locais, citadas ao final deste texto, se fez prática fundamental.



Acima, Yutaka Yasunaka, início da década de 1950. Acervo: Foto Estrela.

¹ Os dois projetos que viabilizaram as ações sobre o acervo do Foto Estrela foram inscritos e selecionados, em 2005 e 2010, nos editais de Projetos Culturais Independentes do PROMIC - Programa Municipal de Incentivo a Cultura de Londrina, da Secretaria de Cultura de Londrina, sendo por ele patrocinado. Destaca-se que a criação e gestão desta política pública de cultura deve ser tomada como exemplo para o Brasil, cuja minoria dos municípios sequer possui fundos de cultura e tampouco transparentes editais de seleção. A opção pelo fomento não apenas a produtores e eventos culturais já estabelecidos, mas também o incentivo ao empreendedorismo de novos agentes, fez com que os resultados desta política pública fortalecessem a cidade de Londrina como referência na produção nacional. A definição de claras diretrizes para a política cultural, integrada às demandas da sociedade, norteia e orienta a elaboração das propostas pelos realizadores. A valorização do patrimônio cultural material e imaterial local, bem como a importância dada à contrapartida social, são algumas das linhas que aproximam os realizadores culturais às preocupações contemporâneas de sua cidade. Louvável também é o modo como se dá o acompanhamento dos projetos, com transparência nos procedimentos, assessoria, diálogo e respeito, comportando-se o poder público como parceiro do produtor cultural, e não como seu adversário. Coisa rara.



Câmara obscura.
Com a mesma câmera e lente utilizada por Yutaka Yasunaka em 1952, o fotógrafo Edson Vieira ajusta o enquadramento em frente a Concha Acústica da Praça Primeiro de Maio. Na foto abaixo, Yutaka participa de ensaio fotográfico no centro de Londrina. Ambas do ano de 2010. Fotos: Daniel Chorna. Acervo: Instituto Câmara Clara.

Ainda no processo de pesquisa, realizou-se a visita a dez lugares de memória e sociabilidade do centro de Londrina que tiveram destaque entre as imagens de Yutaka Yasunaka. Os locais foram fotografados com a mesma câmera e lente utilizadas por Yutaka década atrás, buscando-se também o ângulo, enquadramento e tipo de filme (preto e branco, ISO 100).

Os locais (re) fotografados foram a Concha Acústica, Catedral, Museu Histórico (antiga Estação Ferroviária), Museu de Arte Moderna (antiga estação Rodoviária), Prédio do Correios, Avenida Paraná, Avenida Rio de Janeiro, Edifícios Julio Fuganti e Centro Comercial, cafezal e Foto Estrela (Rua Maranhão).

Lado a lado, os registros de dois tempos distintos apontam para o comum e o diferente a partir de uma base visual idêntica, como num jogo dos sete-erros. Cenários se transformam. As pedras se movem na aparente fixidez da fotografia e as aparências do visível revelam sua metamorfose.



Os resultados da pesquisa foram reunidos na produção editorial deste livro em vossas mãos. Esta segunda edição abrange uma revisão e ampliação da primeira edição, complementada pela inserção de fotografias inéditas de Yutaka Yasunaka e Carlos Stenders. Amplia-se consideravelmente o conteúdo não só pelo salto quantitativo de 96 para 176 páginas, mas também pelo incremento de qualidade que os artigos de Ana Maria Mauad, Rogério Ivano, Vanda de Moraes e Solange Batigliana trazem ao debater fotografia, história, memória, salvaguarda e difusão de acervos fotográficos em paralelo com as políticas de patrimônio subjacentes.

Além da publicação e distribuição editorial, outra ação de difusão desenvolvida é a montagem de uma Exposição Fotográfica Itinerante, o Monóculo 75. Trata-se de uma grande caixa que simula uma câmera buraco de agulha e traz em suas paredes exteriores 75 fotografias do acervo do Foto Estrela, sob a forma de monóculos. Em seu interior o público poderá visualizar em tempo real o funcionamento ótico de uma câmera fotográfica. A exposição circulará em diversos locais públicos, como escolas, praças e eventos artísticos.

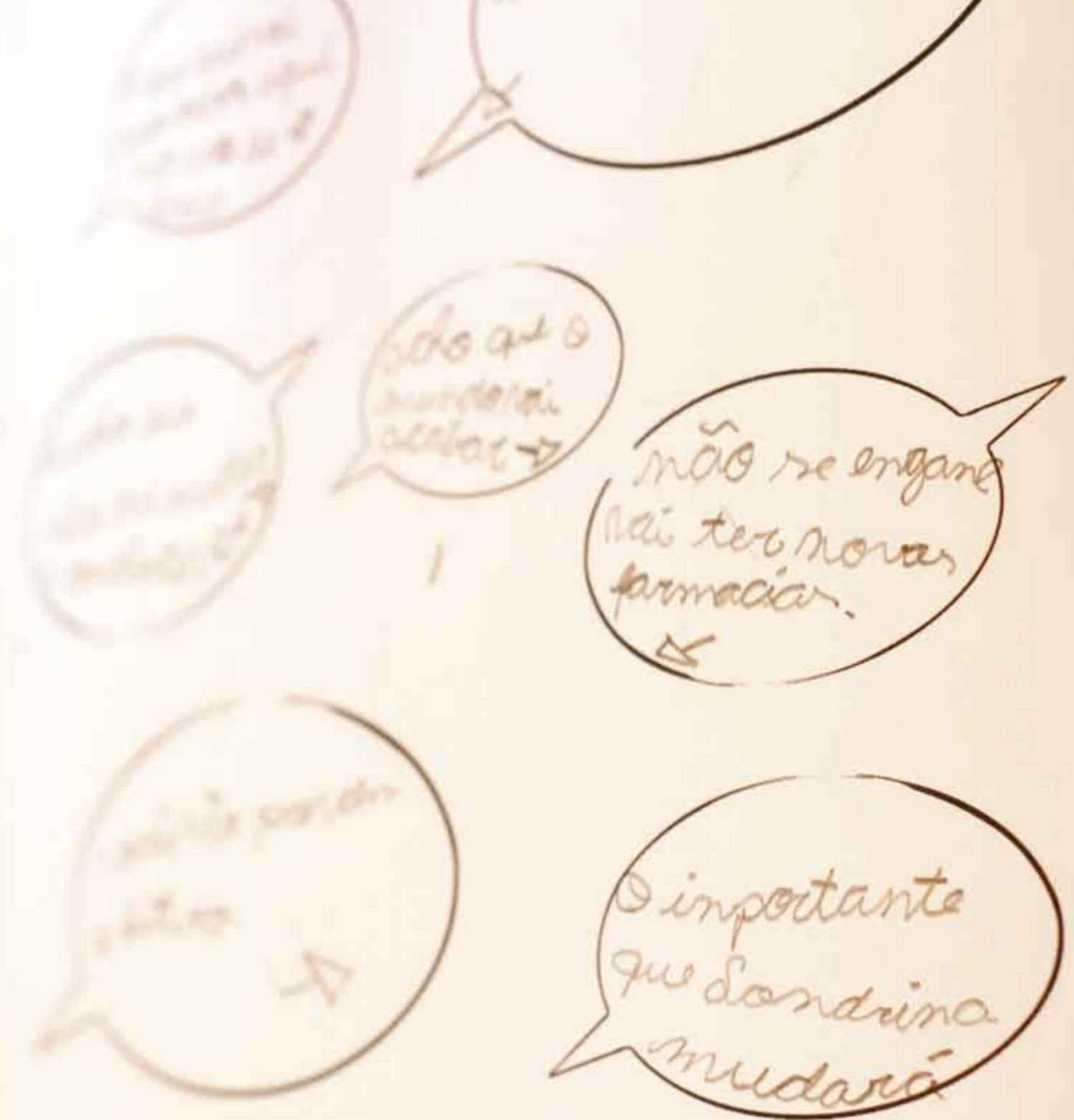
Exercício do futuro.

Estudantes se puseram a imaginar como estará Londrina em 2060, na atividade de educação patrimonial realizada em escolas de Londrina pelo projeto "Foto Estrela - Outras Revelações" durante o ano de 2011.

Na cartilha fotografada, ao lado, a estudante da 3ª série assim preencheu:

- O que vai acontecer no ano de 2060?
- Acho que vai mudar os ônibus.
- Acho que não vai mudar a Concha Acústica.
- Acho que o mundo vai acabar.
- Não se engane, vai ter novas farmácias.
- Vocês não prevêem o futuro.
- O importante que Londrina mudará.

Foto: Daniel Choma. Acervo: Instituto Câmara Clara.

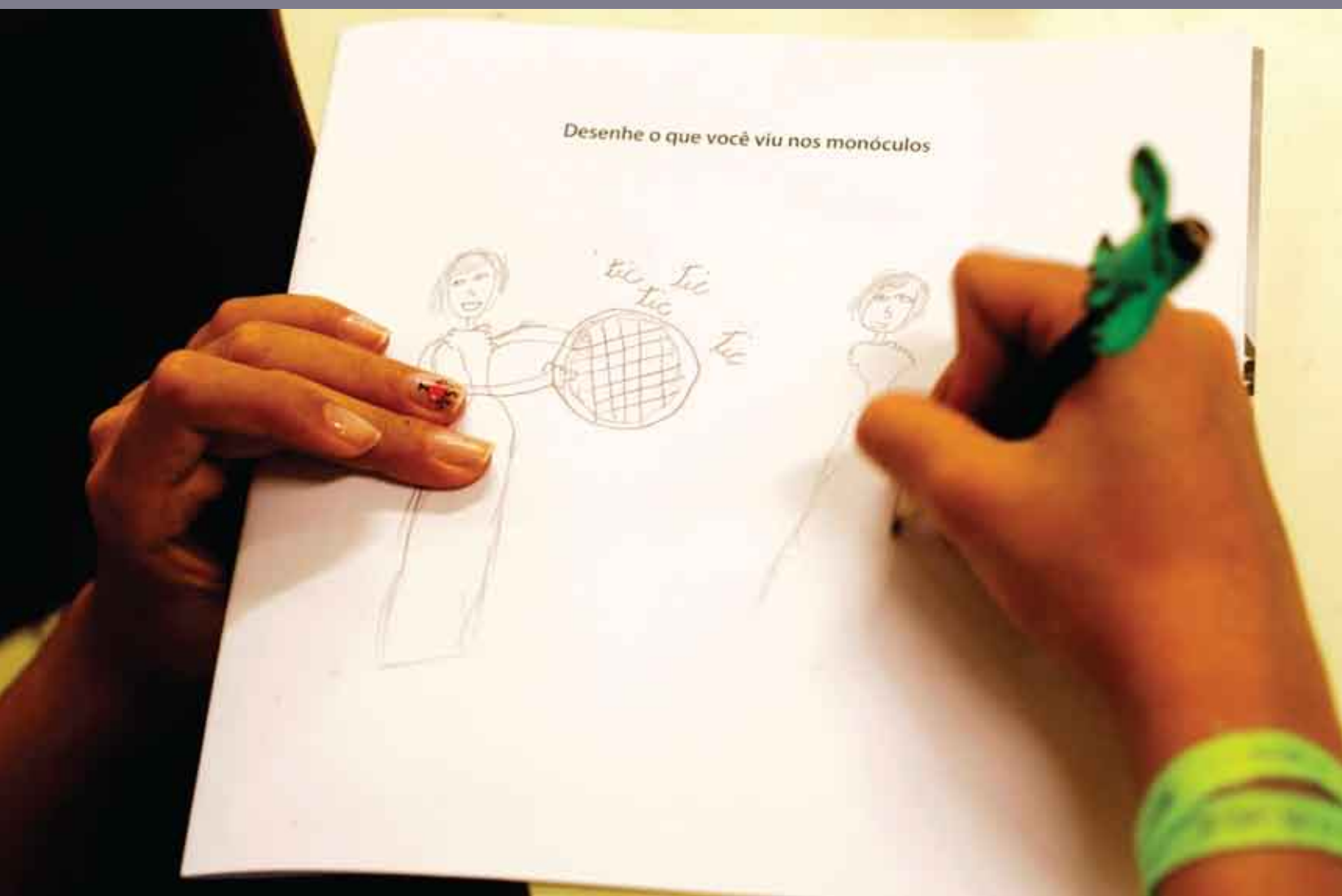




No âmbito das atividades de educação patrimonial, desenvolveu-se a cartilha “Londrina em movimento”, aplicada a cerca de cem estudantes das escolas públicas estaduais Willie Davids, Heber Soares Vargas e Aplicação UEL. Além de receber a oficina, cada uma das escolas recebeu um kit com vinte monóculos e trezentas cartilhas extras para que a atividade possa ser replicada. Além da cartilha, que trazia tarefas lúdicas como caça-palavras, desenho e HQ, foi apresentado aos alunos monóculos com fotografias antigas de Londrina. A partir do uso da imagem em suas diferentes formas, o patrimônio histórico local entra em sala de aula, permitindo às crianças vivenciar o conhecimento também em sua esfera sensível, para além da inteligível. Toca-se o monóculo, mergulha-se na visualidade, ouvem-se histórias imaginárias, saboreia-se o saber.

Trabalhar a educação patrimonial a partir de fotografias constrói pontes alternativas ao abismo cultural entre as gerações: a do professor, da palavra impressa, e a do estudante, da imagem digital. Há de se destacar ainda que o uso de imagens do lugar, próximas da realidade dos estudantes, apresenta-se como essencial para gerar processos de identificação e conseqüente motivação e interesse. O envolvimento e entusiasmo demonstrado pelos quase cem participantes da atividade demonstram que a proposta oferece bons resultados. Foi como percebeu Lucélia Rodrigues de Oliveira, professora de História da 5ª série da Escola Willie Davids, na Vila Casoni, que cedeu a sua aula para receber uma das três oficinas ministradas. Segue abaixo o seu depoimento, enviado por escrito poucos dias após a realização da atividade:

“Nesse momento os alunos estão trabalhando com ‘As Civilizações do Ocidente’, mais especificamente ‘Grécia antiga’. Com relação à atividade que vocês desenvolveram em sala eu realmente só tenho elogios! Penso que é justamente esse tipo de atividade que possibilita ao aluno compreender o real sentido da disciplina de história, uma vez que esse modelo de atividade o qual vocês propuseram traz a história para o cotidiano do aluno, com o qual ele se identifica e principalmente se interessa. Ou seja, são temáticas como essa que possibilitam ao mesmo se ver como personagem da história e, é claro, amenizam o efeito - pelo menos em minha opinião - devastador de que ‘a história trata daquilo que é velho’, ‘daquilo que pertence somente ao passado e que não volta mais’. É claro que o professor estando em sala de aula tem, evidentemente, que tratar daquela história própria dos livros didáticos, com toda a sua carga de ‘oficialidade’ - e por isso mesmo tão distante do aluno e de sua realidade. Nestes termos, uma atividade como esta proposta por vocês faz um efeito totalmente contrário e nos possibilita demonstrar ao aluno ‘que a história também está no presente’, e que ela não diz respeito somente ‘aos outros’. Acredito que, no momento, não seria possível casar a temática abordada em sala com a atividade que vocês propuseram, mas ela surge mesmo assim como uma atividade extra e que acaba surtindo mais efeito em termos de aprendizado e aproveitamento de conteúdo do que aquela especificada no programa de curso. Por fim, eu é que agradeço a vocês e me coloco a disposição. Sendo assim, quando vocês formularem outra atividade é só me comunicar e eu cedo um espaço no tempo da aula para que vocês possam colocá-la em prática. É isso, um abraço a todos. Lucélia.”





Estudante da 3ª série visualiza foto de Carlos Stenders da então Estação Rodoviária de Londrina, de 1952, que ilustra a capa da cartilha trabalhada com estudantes da rede pública estadual em 2011.

Foto: Daniel Choma. Acervo: Instituto Câmara Clara.

Um dos caminhos para se tratar a preservação do patrimônio cultural é abordá-lo a partir de sua inserção social no presente, cuja essência é o movimento, perpétua transformação no espaço-tempo. Seguindo esta trilha, preservar implica, além de estruturar condições técnicas materiais para a salvaguarda do acervo - fundamentais para que as fontes não se degradem no plano físico -, também oferecer condições de acesso público aos materiais recuperados. Acesso que anima as fotografias, que por sua vez reanimam o imaginário social. Imagens que despertam sentimentos, reavivam lembranças e convidam ao discurso narrativo, sobre elas, em torno delas, dentro delas. Ao olhar mais atento, paciente, cada pequeno detalhe pode revelar os sinais necessários para a decifragem do enigma que toda fotografia apresenta.

Manter vivo o acervo do Foto Estrela - na visão compartilhada pelos integrantes do Instituto Câmara Clara - é colocá-lo em circulação. É fazê-lo chegar aos olhos de quem se identifica com os lugares, cenários e personagens registrados pelas lentes de Yutaka Yasunala e Carlos Stenders. É fazer chegar aos olhos das novas gerações, para que compreendam a historicidade presente nos espaços da cidade.

No acervo do Foto Estrela se encontram instantes congelados de cenas de Londrina, de suas gentes e meios de habitar uma terra, derrubando e semeando, lembrando e esquecendo para revelar algo novo. Movimentos próprios desta terra forte e contrastada, vermelha e de céu tão azul. O compartilhar de imagens identificadoras tem sido a mais eficiente estratégia de sobrevivência para as culturas locais, em tempos de globalização midiática e pasteurização informacional.

Em sua seção fotográfica, este livro foi editado como um álbum de pequenas memórias escritas pela luz. Breves palavras e amplas imagens a serem lidas pelo olhar, pois fotografar é ato de observação. Olhares atenciosos revelarão narrativas e personagens que nas imagens silenciosas nos espreitam. No imaginário, as fotografias continuam em movimento. Como luz de estrelas que atravessam o tempo. #

Referências Bibliográficas:

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. História. A arte de inventar o passado. Bauru: Edusc, 2007.
- ALVES, Rubem. Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- Associação Pró-Memória de Londrina e Região. Londrina Paraná Brasil: raízes e dados históricos - 1930-2004. Londrina: Edições Humanidades, 2004.
- DUARTE JR., João-Francisco. O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível. 4. ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mario (Orgs.) Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 56-76.
- HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. Varia História, Belo Horizonte, v.22, n.36, juldez. 2006, p. 261-273.
- HUYSSSEN, Andréas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. RJ: Aeroplano, 2000. Passados presentes: mídia, política, amnésia, p. 9-40.
- LESO, Denise [et al.] Reconhecendo o Patrimônio Cultural em Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, v. 23, n. 45, jul. 2003, p. 11-36.
- RAMOS, Francisco Régis L. A danação do objeto: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004. A história nos objetos. O objeto gerador. O lugar do museu. P. 19-54.
- SAMAIN, Etienne G. O fotográfico. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. Um retorno à Câmara Clara: Roland Barthes e a Antropologia Visual, p.115-128.
- YAMAKI, Humberto. Labirinto da memória: paisagens de Londrina. Londrina: Edições Humanidades, 2006.
- YAMAKI, Humberto. Londrina Aventura Urbana - Trilha Interpretativa do Centro Histórico (folder). Londrina: Promic, 2005.



Breve biografia de Carlos Stenders

Carlos Ricardo Stenders nasceu na Alemanha no ano de 1900, na cidade de Krefeld, próximo a Düsseldorf e a fronteira com a Holanda. Aos vinte anos de idade, logo após o término da 1ª Guerra Mundial, e descontente com a situação política e econômica de seu país, resolve emigrar ao Brasil. Vendo-se impossibilitado de atuar na sua área de estudo, a agronomia, Carlos Stenders passa a trabalhar como fotógrafo na região de Blumenau, Santa Catarina, em 1920. Após cinco anos em atividade, o adoecimento de sua mãe faz o jovem retornar à sua terra natal.

De volta a Alemanha, atua como repórter fotográfico esportivo próximo a cidade de Colonia. Casa-se com Gertrud Schmitz no ano de 1930, e seu primeiro filho, Karl Heinz Stenders, nasce em 13 de janeiro de 1933 em Krefeld.

A sentir e a pressentir o que estava por vir acontecer em solo alemão nos anos seguintes, em 1934 a família emigra ao Brasil, fixando residência em Londrina por sugestão de um amigo inglês, que trabalhava na Companhia de Terras Norte do Paraná. Num primeiro momento, intenta montar um bar e padaria, empreendimento que não foi bem sucedido. Mas não tardou muito para que a pequena população da cidade logo descobrisse que Carlos Stenders era também fotógrafo, que passou então a ser chamado para registrar os principais eventos e espaços da nascente cidade, atuando com primor técnico e excelentes equipamentos. Ao ver que a atividade prosperava, em 1938 Carlos Stenders inaugura o Foto Estrela, loja, laboratório e estúdio fotográfico. Ambos consagram-se, portanto, como pioneiros da fotografia profissional de Londrina.

Na sede da Rua Mato Grosso, nº 192, situava-se, além do estúdio, loja e laboratório fotográfico, a residência da família Stenders, onde nasceu Rosemarie Stenders, a segunda filha do casal, em 1938. Dois anos depois, um desencontro marcaria suas vidas: Carlos Stenders ficaria afastado de sua esposa e de seus filhos por um período de oito anos. Sucedeu-se que em 1940 Gertrud, Rosemarie e Karl precisaram viajar para a Alemanha para cuidar de uma familiar adoentada, mas foram impedidos de retornar ao Brasil devido à política migratória internacional em vigor durante e após a Segunda Guerra Mundial. O reencontro só se fez em 1949. Mesmo juntos, enfim, o constante calor e o intenso pó vermelho de Londrina passam a desagradar a família, que em 1952 coloca a venda o Foto Estrela.

Na página à esquerda, cópia do passaporte que Carlos Stenders tirou quando de sua visita a Alemanha, em 1951. Nesta página, ao lado de um dos seus quadros, em Embu-SP, década de 1970. Acervo: Rosemarie Stenders.



Após o fechamento do negócio com a família Yasunaka, Carlos Stenders, esposa e filhos se mudam para Embu (das Artes), no estado de São Paulo. Lá, Carlos continua trabalhando com a fotografia em Vila Sonia, subúrbio da capital. Depois, coordena empreendimentos na área da indústria e ao se aposentar passa a atuar como artista plástico, realizando diversas obras e dedicando-se ativamente na consolidação da Associação dos Artistas Plásticos de Embu-SP. Carlos Ricardo Stenders faleceu em outubro de 1993, aos 93 anos de idade, deixando dois filhos, quatro netos e onze bisnetos.

Segundo o depoimento de sua filha Rosemarie, que atualmente reside no interior de Minas Gerais, a maior parte do acervo fotográfico de Carlos Ricardo Stenders foi doado ao Museu Histórico Padre Carlos Weiss na década de 1970, havendo atualmente poucas imagens de posse da família. As fotografias de autoria de Carlos Stenders presentes neste livro estão entre as poucas dezenas que foram 'esquecidas' no laboratório do Foto Estrela quando este foi vendido para Yutaka Yasunaka. Colaboraram com as informações e documentos pessoais aqui publicados, Rosemarie Stenders (filha), Carlos Stenders Neto (neto) e sua esposa, Isabela Mandia Stenders, a quem se agradece pela atenção, colaboração e gentileza.



Fotografias/memórias, um plural singular

Ana Maria Mauad

Professora Associada do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, coordenadora do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF e pesquisadora do CNPq.

“Toda fotografia é condensação de múltiplas temporalidades e sobrevivente de um naufrágio. Como toda sobrevivente, cada fotografia guarda em si a difícil pergunta sobre o propósito de sua sobrevivência, a pergunta sobre o que nela, a despeito de tudo que passou, ainda será. [...] Porque as fotografias são esta condensação de tempos, nunca estão inteiramente no passado e no presente [...]. Estão aqui e agora, conosco, e no mesmo momento, nos fornecem o testemunho da nossa irremediável diferença em relação ao que foi [...]. As fotografias atravessam os tempos como os fantasmas atravessam paredes, ambos condenados a fazer a incessante mediação entre o que foi, o que é, e o que será (o espectro de nossa própria morte, por exemplo). Fotografia é História”.¹

As fotografias de Yutaka Yasunaka da mesma forma que o próprio fotógrafo são sobreviventes que revelam ao olhar do espectador à expectativa de um vir a ser. Memória cristalina, as fotografias guardam a duração do tempo que levaram para serem produzidas, guardam também, a presença dos tempos que já se foram, e ainda mais, guardam a marca do passado, que agora é um indício, um lampejo, uma ruína, uma lembrança. Deslocadas para os arquivos e tratadas como objetos materiais que são, as fotografias tornam-se meios pelos quais a operação histórica compõe a trama dos tempos. Como História a fotografia é a ponte que une passado, presente e futuro, num projeto que interpreta indícios, transforma ruínas em patrimônio, reconhece no lampejo a luz de um esclarecimento e traduz lembranças como narrativas de memórias. Produzidas por um sujeito individual, o fotógrafo, as fotografias são sempre um plural singular, pois guardam a marca de uma experiência específica que se realiza como prática social compartilhada, portanto plural.

Para cada passado que se descortina ao olharmos uma foto, um futuro se revela – aquele em que a própria fotografia se apresenta como meio de imagens. Essa inspiração nutre o projeto de recuperação, tratamento e divulgação do arquivo do Foto Estrela, estúdio fotográfico que em 1952 foi adquirido pelo fotógrafo japonês Yutaka Yasunaka, de outro fotógrafo, desta vez, alemão Carlos Stenders, assim temos imagens de dois tempos buscando no presente as marcas do passado, num exercício de imaginar e de prever qual será o novo outro futuro que a fotografia nos reserva. Esta é a expectativa que se inscreve nas imagens produzidas no passado e no presente, uma espécie de reserva de amanhã.

Acima, da esquerda para direita, Carlos Ricardo Stenders (fundador do Foto Estrela), Roberto Schupp (gerente), Karl Heinz Stenders (filho) e funcionárias do Foto Estrela. Em frente a primeira sede, situada na Rua Mato Grosso, 192, no centro de Londrina. Início da década de 1950. Arquivo: Foto Estrela.

À esquerda, a carteira de repórter fotográfico alemão, de Carlos Stenders. Emitida em 30 de Maio de 1934. Arquivo: Rosemarie Stenders.



¹ Mauricio Lissovsky, “Proposições três e quatro”, IN: Dez proposições acerca do futuro da fotografia e dos fotógrafos do futuro, Facom, n. 23, 1o /2011, pp. 4-15, <http://issuu.com/facomfaap/docs/facom23>, acesso em 14 de setembro de 2011.



De fotostatica a fotocopia, as mudanças na fachada do Foto Estrela. Década de 1950. Foto: Yutaka Yasunaka. Acervo: Foto Estrela.

Há algum tempo venho estudando a relação entre fotografia e história e mais recentemente trabalhando com as memórias de fotógrafos que atuaram na grande imprensa brasileira dos anos 1940 em diante. Atualmente, já entrevistamos um conjunto de mais de trinta fotojornalistas cuja trajetória se confunde com a da própria fotografia contemporânea.²

Neste estudo, entende-se que o olhar contemporâneo envolve um conjunto de práticas de ver, de apresentar e de representar o mundo tornando-o visível aos outros olhares; mas também inclui todo um conjunto de dispositivos operados por esse trabalho de visualização; e os saberes, sentimentos e sensações colocados em movimento para a produção desse mesmo olhar. Essa reflexão refere-se também, aos donos do olhar, portanto, sujeitos sociais envolvidos na experiência de ver e dar a ver o mundo. Concebe-se no conceito de experiência o ponto de encontro do sujeito com o mundo sensível que se elabora em pensamentos, sentimentos e sensações expressos, entre outras formas, pelas imagens técnicas.³

Paralelamente, venho acompanhando por meio da participação em bancas de trabalhos acadêmicos, desenvolvidos no âmbito dos programas de pós-graduação Brasil afora, a emergência de um campo fértil de reflexões sobre cultura visual, liderado notadamente pela fotografia.⁴ Destaco esse aspecto, pois uma das principais características desses trabalhos foi justamente a de se debruçar sobre a trajetória de fotógrafos de diferentes nacionalidades que ou emigraram para o Brasil, ou mesmo nacionais, que migraram de uma região a outra do país levando consigo o seu saber-fazer fotográfico. Muitos fotógrafos, como aqueles que atuaram nas regiões de fronteira agrícola, como o Paraná, acompanharam por meio dos registros fotográficos as transformações de regiões de floresta em verdadeiras cidades civilizadas. Em muitos destes lugares o fotógrafo chegava antes ou mesmo junto com as companhias de colonização.

Nos diferentes casos, quer seja atuando no fotojornalismo, trabalhando em estúdio, ou ainda, comissionado por uma agência de estado, esses fotógrafos acabaram por delimitar em suas imagens a formação de um espaço público. Defino este tipo de fotografia como pública. Pública, não é somente a fotografia publicada, mas aquela que se refere ao espaço público como tema e que tem no espaço público o seu lugar de referência política. É a fotografia que provém do espaço comum, do common space, no qual as manifestações comunitárias, populares, coletivas se revelam. É a imagem que dá rosto a multidão e que distingue o homem comum; mas é também a imagem do controle social e da vigilância.

É a imagem das instituições estatais e da ação do estado, mas também da produção dos estúdios fotográficos, que ao longo do século XX serviram ao público que habitou as cidades de diferentes tamanhos e que buscou nas fotografias não somente ver e ser visto, mas também registrar e guardar um pedaço desse espaço comum – quer por meio de cartões postais, de vistas urbanas publicadas em pôsteres ou nos semanários ilustrados.

A fotografia pública refere-se à produção de imagens fotográficas associadas ao registro de eventos sociais, por agentes históricos – os fotógrafos e fotógrafas – cuja prática de fotografar pode se realizar de forma independente ou associada a algum vínculo institucional. Em ambos os casos, a forma de envolvimento à causa fotografada vai orientar suas escolhas e, portanto, a forma que a imagem vai assumir. Assim o engajamento político a uma causa, princípio ou as regras institucionais definem a dimensão autoral da fotografia pública.

² Refiro-me ao projeto: O Olhar Engajado: prática fotográfica e os sentidos da história, Brasil 1960-1990, projeto Cnpq 2011-2014.

³ FLUSSER, Vilém. Towards a philosophy of photography. Londres: Reaktion Books, 2000.

⁴ Correndo o risco de ser incompleta vou indicar alguns títulos de trabalhos, dentro dessa perspectiva, que participei de bancas ou orientei: Tati Lourenço da Costa. Palimpsestos fotográficos: imagens, lembranças e identificações em narrativas da memória por pessoas idosas. Londrina, Paraná, 1930-2008. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina; Marcos Felipe de Brum Lopes. Mario Baldi: experiências fotográficas e a trajetória do 'reporter perfeito' (1896-1957). 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense; Paula Martins de Barros Gioia. Alemanha Turca em Preto-e-Branco: fotografia e reelaboração de identidades no interior de minorias étnicas na transição dos séculos XX/XXI. 2007; Solange da Silva Portz. As paisagens da memória: um estudo sobre as fotografias do plano de colonização da Empresa Maripá. 2002. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense; Lucia Theresinha Gregory. Retratos, instantâneos e lembranças: a trajetória e o acervo da fotógrafa ÍricaKaefer, Marechal Rondon (1954-1990). 2010. 0 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense; Mariana de Aguiar Muaze. O Império do Retrato: família, riqueza e representação social no Brasil oitocentista. 2006. 350 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.; Rafael Ginane Bezerra. Guardados de um artesanato de imagens: Claro Janson e a fotografia na região do Contestado nas primeiras décadas do século XX. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia).



Yutaka Yasunaka revisita fotografias de família em entrevista a Edson Vieira, Rafael Francis e Daniel Choma. 2005.

Fotos: Daniel Choma.

Acervo: Instituto Câmara Clara.

Portanto, a fotografia pública se torna pública, porque se associa às funções de representação de diferentes formas de poder na cena pública; são, ainda, suportes da memória pública sancionada pelas diferentes culturas políticas.⁵ Entretanto, é nas formas de agenciamento da fotografia pública que se deflagra o seu potencial de mobilizar as memórias concorrentes e de acionar representações históricas sobre acontecimentos e eventos passados. É na qualidade de memória-arquivo e memória-patrimônio que a fotografia pública revela memória pública como espaço de disputa e abre caminho para a operação histórica analisá-la como experiência social passada.⁶

Portanto, do ponto de vista do tempo presente, a noção de patrimônio se resignifica, ao deixar de ser a simples comemoração do passado como memória nacional, para incorporar a pluralidade de memórias e tomar o passado como um campo de possibilidades para a construção de futuros possíveis. Assim o conceito de patrimônio é ampliado pela forma como nós vivemos o nosso próprio presente como parte de uma História, na qual devem ser valorizadas as expressões sociais na sua variedade de meios, suportes, situações e agentes. A fotografia é história, pois retém do fluxo do tempo a presença de uma vivência. A fotografia é patrimônio, pois, transforma situações em cenas, traduz ações em imagens que mesmo estáticas permitem entrever movimento, a dinâmica contínua do mundo visível. A cada nova imagem, um outro tempo, da série e do conjunto se revela a multiplicidade da história. O que foi, o que é e o que será. Tudo ali, ao mesmo tempo; agora.

A título de conclusão vale ponderar sobre a necessidade de tornar pública a memória construída por meio das fotografias resultantes de diferentes práticas fotográficas e experiências históricas. Se o último refúgio do futuro está nas imagens fotográficas do passado, o seu entesouramento, bem como a sua transformação em mercadoria, decreta efetiva a impossibilidade do “vir a ser” e, por consequência, da transformação da expectativa em esperança. Um final dos tempos visuais, onde a imagem perde a sua substância de presença e deixa de criar mundos possíveis.

Somente se abrindo os arquivos que as memórias poderão ser construídas, somente criando redes de difusão de conhecimento crítico que novas histórias poderão ser produzidas, somente fomentando o acesso amplo do público aos espaços de sacralização do passado, que as imagens vão ganhar corpo e as memórias vida. Todos esses investimentos se concretizam por meio de iniciativas como essa que temos em mãos, pois acolhe as lembranças pessoais de um fotógrafo – Yutaka Yasunaka, cuja prática fotográfica revelou a cidade aos seus habitantes, revelou seus habitantes como cidadãos e criou um espaço comunitário comum – Londrina -, que a sua fotografia deixou de legado para o presente. #

⁵ Sobre o conceito de cultura política ver: AZEVEDO, Cecília; ROLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda; QUADRAT, Samantha (orgs.) *Cultura Política: memória e historiografia*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2009.

⁶ RICOUER, Paul. *Memory, History and Forgetting*, Translated by Kathleen Blamey & David Pellauer, Chicago/London: The Chicago University Press, 2004



Cordiais Saudações! Espécie de Cartão Postal confeccionado manualmente por Yutaka Yasunaka. Este, em homenagem ao Jubileu de Prata, os 25 anos de Londrina, comemorados em 1960. Em entrevista, Yutaka contou que os postais mais procurados pelo público eram as vistas da Catedral, estações Ferroviária e Rodoviária, cafezais e a foto noturna do Cine Teatro Ouro Verde, bem como vistas aéreas em que as pessoas podiam localizar suas casas e locais de trabalho. Fotomontagem de Yutaka Yasunaka. Acervo: Foto Estrela.

O acervo do Foto Estrela como memória fotográfica da cidade de Londrina

Rogério Ivano

Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina - UEL.

Qual o tempo da fotografia?

Fotógrafos da era analógica reconhecem esse tempo conforme a velocidade do obturador da máquina fotográfica; os segundos, ou milésimo de segundo que permite a entrada da luz pelo diafragma dela é o suficiente para fracionar o tempo, criando aquela mágica dialética entre o instante fotográfico e a perenidade da imagem fotografada. É este tempo mínimo capturado do fluxo contínuo da vida o necessário para fixar o que interessa ao olhar do fotógrafo, transformando aquilo que é simplesmente visível em paisagem, retrato, cena, flagrante, em pose estudada, natureza morta, close-up, enfim, numa diversidade de outras possibilidades de expressão visual que, literalmente, não cabe em palavras.

O tempo da técnica também é o tempo da estética. Nos anos 1830, quando o pesquisador francês Louis Daguerre finalmente obteve sucesso na produção da primeira fotografia, ele aguardou de 20 a 30 minutos para conseguir capturar a luz que revelaria a magia da imagem técnica. Rapidamente este tempo se transformou em poucos minutos, depois em segundos. Nesta passagem de tempo, alguns momentos únicos da história da fotografia expressaram precisamente a relação inseparável entre técnica e estética, tornando-se verdadeira arte mecânica. O filósofo alemão Walter Benjamin descobriu em algumas fotografias do século XIX, por exemplo, os elementos artesanais da imagem, de um período em que o olhar ainda era o do pintor, do retratista ou paisagista, isto é, imagens de fotógrafos dotados de um senso de tempo que não era somente o da máquina fotográfica.

No Acervo Foto Estrela, este e outros tempos da fotografia podem ser observados, sentidos. Após sessenta anos dedicados ao trabalho, não há dúvida em afirmar que a técnica não foi e não é o último limite da fotografia. Mas se esta técnica não é fundamental para a criação da imagem fotográfica, é ela que nos remete a um momento outro do tempo passado.

O acervo é composto majoritariamente de negativos, milhares de negativos em formatos e materiais diferentes. Alguns poucos deles são em vidro, que enganosamente faz a imagem fotográfica parecer frágil, irrecuperável se quebrado, partido. A grande maioria dos negativos, no entanto, é em acetato plástico, o filme como o conhecemos, em formatos que vão do popular 35 mm ao 3x4cm até o imenso 18x24cm, que leva a imaginar qual seria o tamanho dessa máquina fotográfica. Manipular, revelar e conservar tais materiais são procedimentos técnicos que hoje estão sendo rapidamente perdidos, esquecidos, como saberes de um tempo que não retornará mais. Um dia, serão apenas lembrança da alquimia fotográfica, de seus reveladores, fixadores e outras químicas.



Na era da imagem digital, um acervo de negativos não guarda apenas a matriz da fotografia em papel, mas representa também o fim da era analógica, tornando-se seu próprio vestígio, seu testemunho. A sensação é a de que a materialidade plástica do negativo, que garante à imagem fotográfica uma longa duração, se adequadamente preservada, irá para bem além da ainda incerta conservação do arquivo virtual. E num arquivo de negativos, sempre há uma quantidade significativa deles ainda não copiados, criando uma margem de surpresa e desconhecimento de seu conteúdo. Da mesma forma, é certo supor que a maior parte destes negativos foi usada para a obtenção de apenas uma cópia, aquela do cliente. A partir daí, a trajetória de cada fotografia torna-se uma jornada no tempo, podendo estar bem preservada num álbum zelosamente guardado no baú das lembranças, ou maltratada, esquecida em um canto da memória, de onde já não reconhece mais lugares ou feições. Quantas dessas fotografias ainda existem?

O Foto Estrela funcionou por mais de meio século, ininterruptamente. As razões de cada um para se deixar fotografar são tantas quantas cada fotografia realizada no estúdio da loja e fora dela. O acervo é assim composto da intenção de cada um, das suas justificativas pessoais e também coletivas. Isto quer dizer que os fins comerciais da fotografia também são fins sociais. É a fotografia da sociedade em seus momentos e movimentos que compõe o acervo do Foto Estrela. São poses e retratos, na melhor das tradições pictóricas, para recordação e conhecimento; são ritos cristãos, principalmente católicos, como casamentos, batizados, a primeira comunhão, ou seja, a memória desses e outros ritos de passagem; cerimônias e eventos variados, assim como o registro de praças, ruas e edificações, que eram transformados em cartões postais, lembranças de uma Londrina que se modificava rapidamente. São fotografias de prédios e cafezais, dessa divisão ainda pouco acentuada entre o mundo urbano e o mundo rural, revelada em abundantes imagens aéreas. Ao mesmo tempo propaganda e documentação da cidade, foto por foto.

Talvez por ser um acervo fotográfico formado pela atividade comercial, isto é, conforme a demanda dos clientes, há uma mistura de imagens produzidas por diferentes fotógrafos. É possível afirmar, com pouca margem de dúvida, que aquelas realizadas entre 1938 e 1952 são de responsabilidade de Carlos Stenders, o primeiro proprietário do Foto Estrela; dessa data até 2008, quando a loja cerra suas portas, a responsabilidade é de

Yutaka Yasunaka. Mas no acervo ainda podem estar misturados alguns negativos feitos pelo pai, Suejiro Yasunaka, ou ainda a ocorrência de trabalho de outros fotógrafos, que somente a memória pode recuperar. Pois no registro de eventos, principalmente, contratam-se ajudantes e auxiliares, que depois tem os negativos reunidos no conjunto de trabalhos da empresa.

Não sendo um acervo pessoal, coloca-se ao pesquisador futuro o problema da autoria, que remete à investigação das intenções, ao domínio técnico e aos valores estéticos da produção fotográfica. Como Stenders aprendeu o ofício? Na sua terra natal, em outro lugar? Nascido em 1900, imigrou da Alemanha para o Brasil seguramente antes de Segunda Guerra Mundial, já que fundou o Foto Estrela em 1938; nos arquivos do Diário Oficial da União, registra-se que Stenders pediu a permanência definitiva no país em 1944, e que em 1951 iniciou o processo de naturalização. Sobre fotografia, nada. Mas num despacho publicado no Diário, pede-se que ele apresente “provas da atual atividade comercial” que, supõe-se, seria o Foto Estrela.

Da parte dos Yasunaka, a crônica familiar conta que o pai, Suejiro, aprendeu o ofício com um mestre fotógrafo da cidade de Sapporo, norte do Japão; que permaneceu anos servindo a ele, apenas em troca do conhecimento, como na melhor das tradições artesanais, sem salários nem outras recompensas; que tempos depois de tornar-se fotógrafo de profissão imigrou para o Brasil, onde não esqueceu as lições japonesas. O que aprendeu seguramente repassou ao filho primogênito, Yutaka, que se tornou proprietário do Foto Estrela, mantendo-o em funcionamento por mais de quatro décadas bem no centro de Londrina. Por conta disso, o fotógrafo foi testemunho privilegiado das mudanças e dos ritmos da cidade, que deixou registrado em centenas de imagens, como exemplificadas neste livro. Dos interesses comerciais por trás das “vistas de Londrina” originou-se este acervo documental, inigualável na sua quantidade e na perspicácia da visão.

As imagens de uma Londrina antiga ecoam em lembranças de quem nem idade tem para recordar esse passado. O sabor de antiguidade, por exemplo, esta no démodé das coisas visíveis: nos modelos dos automóveis, dos quais muitos não existem mais, e outros ganharam o status de relíquia; na fachada do comércio, de aparência discreta, sem os painéis gigantescos; no estilo arquitetônico difuso, exemplificado pelo ecletismo da estação ferroviária; na moda mais duradoura, de chapéus e vestidos, sem jeans ou acessórios; enfim, no sentimento de desaparecido ou transformado que lugares e ruas evocam. O antigo também parece obra da aparente precariedade da vida e das coisas, quando a visibilidade desse tempo se mostra no madeiramento das casas, nos paralelepípedos ainda descobertos pelo asfalto, na vista do campo que a visão consegue alcançar, desimpedida pela linha de prédios que depois irão cobrir o horizonte.

Nestas imagens de Londrina produzidas pelo Foto Estrela, uma mesma e diversa cidade emerge da memória, capaz de surpreender o visitante de hoje que a conheceu ontem, fazendo-o comparar o que já é incomparável e firmando o sentimento de vertiginosa mudança dos tempos. Mas, por outro lado, o tempo parece idêntico em muitas das fotografias de estúdio: é que o mesmo conjunto cênico atravessou as décadas, a pesada cortina ao fundo, o detalhe da parede de tijolos à vista, os degraus de uma sinuosa escadaria com seu corrimão de ferro, o vaso com lírios que nunca murcham. Este cenário, que serviu como



Foto: Yutaka Yasunaka. Acervo: Foto Estrela.

Em frente ao Foto Estrela da Rua Maranhão 331, posa para a foto o Sr. Shinzato, com seu Chevrolet Belaik Styleline, recém adquirido de segunda mão. Década de 1960.
Foto: Yutaka Yasunaka. Acervo: Foto Estrela



Centenas de negativos e fotografias já haviam se perdido quando, em 2006, a equipe do Instituto Câmara Clara entrou em contato com o acervo de Yutaka Yasunaka. Em 2008, com o fechamento e desmanche do Foto Estrela, sugeriu-se ao fotógrafo que doasse o conjunto de negativos referente aos registros de estúdio ao CDPH, da Universidade Estadual de Londrina, para que pudessem receber cuidado técnico e servir como fonte geradora de pesquisas acadêmicas e exposições artísticas. Também se conseguiu salvar a tempo o cenário de fundo do estúdio, encaminhado para doação à Diretoria de Patrimônio da Secretaria de Cultura de Londrina e, posteriormente, ao Museu Histórico Padre Carlos Weiss. Nota dos organizadores. Foto: Yutaka Yasunaka. Acervo: Foto Estrela.

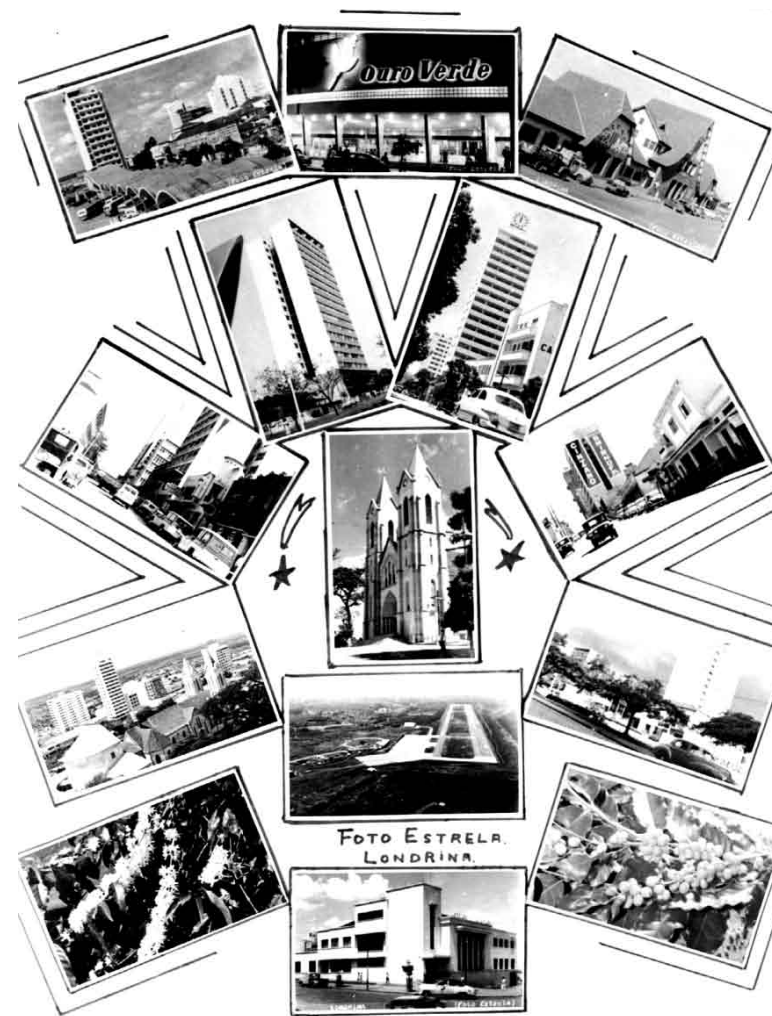
moldura fotográfica durante mais de quatro décadas, é inimaginável para os padrões contemporâneos, que privilegia fundos uniformes, ou a troca constante de móveis e adereços. Ao se manter apegado a um único cenário, Yutaka parece ter deixado propositalmente um paradoxo do tempo fotográfico, como se registrasse uma mesma imagem, mas sempre diferente; como se quisesse dizer que o que muda são as pessoas fotografadas, atualizando o tempo da vida em contraste com a fixação do tempo da imagem, que acontece apenas uma vez.

O tempo passa, e nessa passagem, diferentes temporalidades repousam nas fotografias. Não apenas o visível se transforma, mas fundamentalmente o olhar se modifica, o que quer dizer que nossa maneira de ver as coisas também é histórica. O olho vê, mas o que vê e como vê é uma experiência que tem lugar e hora.

A parte do acervo do Foto Estrela depositado atualmente no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina - mais de 5 mil negativos referentes aos retratos de estúdio - ainda tem uma longa jornada à frente, pois ao ser transformado em patrimônio foto-documental, o que passa a interessar não é mais o que ele diz sobre o tempo que passou, mas o que guarda para o tempo que virá. Ao se fazer dos negativos de Stenders e Yasunaka um arquivo histórico, se dá um passo seguro adiante: é a garantia da permanência do passado no futuro. #



Fachada do prédio do antigo Foto Estrela, no ano de 2010.
Foto: Edson Vieira.
Acervo: Instituto Câmara Clara.



Cartão produzido por Yutaka Yasunaka, com fotomontagem realizada manualmente nos laboratórios do foto Estrela na década de 1960. Segundo o fotógrafo, cada uma das fotografias que aparecem na imagem eram ampliadas em formato 3x4cm e montadas numa folha base, onde também eram feitos os desenhos e legendas. Feito isso, esta prancha era fotografada originando um negativo matriz do postal.

Foto: Yutaka Yasunaka. Acervo: Foto Estrela.

Patrimônio cultural e políticas públicas - reflexão sobre a política cultural do Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina, na perspectiva de uma política de atuação patrimonial

Vanda de Moraes - Diretora de Patrimônio Artístico e Histórico-Cultural - Prefeitura de Londrina

Solange Cristina Batiglina - Diretora de Incentivo à Cultura - Prefeitura de Londrina

Muito embora a cidade de Londrina, desde os seus primeiros dias, já contasse com uma vida cultural interessante, na estrutura administrativa do Município a área da cultura foi durante muito tempo apenas um setor e, posteriormente, um departamento da Secretaria Municipal de Educação. Somente em 1992¹, com a criação da Secretaria Municipal de Cultura, ocorre de fato uma estruturação do atendimento público ao segmento. Este atendimento era feito principalmente através dos setores de Ação Cultural e de Bibliotecas, já consolidados, e do setor de Patrimônio Cultural que dava então seus primeiros passos.

Em 1998, após uma reforma administrativa na Prefeitura do Município de Londrina, houve uma reestruturação da Secretaria Municipal de Cultura. Nesta ocasião ela passou a contar com três Diretorias: de Ação Cultural, de Bibliotecas e de Patrimônio Artístico e Histórico-Cultural, agregando-se à esta última o Museu de Arte de Londrina. Em 2003, para gerenciar o PROMIC – Programa Municipal de Incentivo à Cultura, foi criada mais uma diretoria, a Diretoria de Incentivo à Cultura. Este breve histórico é importante para que se tenha a idéia do quanto é novo tratar a cultura como uma política pública, uma política de Estado, e que isto não é uma situação ocorrida apenas em Londrina. Este é um direito novo para os cidadãos brasileiros. A Constituição Federal de 1988 conferiu ao Estado Brasileiro uma série de responsabilidades no atendimento das necessidades do cidadão, seguindo um modelo relacionado ao Estado do Bem-Estar Social europeu. Entre seus princípios fundamentais, expostos no artigo 1º, I a V da Constituição Federal, estão: a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político. O Estado, para cumprir com estas atribuições, se organiza como Administração Pública que, na ótica constitucional, não é mais apenas um escritório de arrecadação ou liberação de alvarás.

Atualmente, a Administração Pública tornou-se gestora de políticas sociais importantes para o cidadão, tais como: saúde, educação, assistência social, cultura, esporte, trabalho, mulher, idoso, entre outras. Estas áreas são consideradas como serviços públicos sociais. Eles se inserem na modalidade de serviços públicos de prestação obrigatória, mas não exclusiva, pelo Estado. A sua execução pode ser feita pelo Estado ou por entidades privadas, de forma livre ou em parceria com o Estado. Existem posições diversas quanto a legitimidade e moralidade do seu emprego na execução de serviços públicos sociais. Paulo Modesto em texto de 1999, "Reforma Administrativa e o marco legal das Organizações Sociais no Brasil", escrito no contexto do início da reforma que instituiu figuras das organizações sociais traz uma visão otimista acerca da implantação deste novo modelo de gestão de serviços públicos através de entidades privadas. Menciona como uma oportunidade a reflexão sobre sistema das organizações sociais para a redefinição do modo de intervenção do Estado no âmbito social. O autor constrói sua argumentação no sentido de mostrar a

¹ A Secretaria Municipal de Cultura foi criada em 09 de março de 1992.

importância de uma atitude livre de bloqueios. Para ele é a partir do discurso dos juristas e através da interpretação da norma legal que se estabelecem decisões e determinam-se destinos. “O desafio de pensar juridicamente as organizações sociais faz crescer de importância a vocação de protagonista dos juristas, pois estes são convidados a co-participar da constituição desta nova “figura jurídica”, sem reservas e sem temor de pensar o novo.”²

É neste sentido, que nos últimos 10 anos (2001-2011), a Secretaria Municipal de Cultura vem atuando, privilegiando sua ação no fomento à cultura municipal. Sua ação tem sido a de proporcionar apoio aos produtores culturais no desenvolvimento de suas atividades. Esta ação na esfera do fomento público é mais antiga. Ela se inicia, em 1992, com a criação da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, baseada na experiência da cidade de São Paulo, proporcionando ao produtor cultural londrinense o apoio às suas atividades através da renúncia fiscal. Criada em 1992, regulamentada em 1993, a Lei Municipal de Incentivo à Cultura vigorou até 2002. Seus objetivos eram o de viabilizar economicamente os projetos culturais, difundir o conceito de Marketing Cultural e fazer com que as pessoas físicas ou jurídicas pudessem, através do investimento em projeto cultural, participar do processo de produção cultural do Município. Esta Lei autorizava a renúncia fiscal, por parte do Município, de 5% do valor proveniente das receitas de IPTU e ou ISS para investimento em projetos culturais aprovados por uma Comissão de Avaliação dos Projetos Culturais, autônoma e independente. Essa Comissão era composta por representantes do Conselho Municipal de Cultura, da Secretaria de Fazenda e Planejamento, da Secretaria Municipal de Cultura e de representantes da Comunidade Cultural. A avaliação tinha como foco a relação custo benefício do projeto e a sua contribuição para a comunidade.

Em 2001 foi realizada a 1ª Conferência de Cultura da Cidade de Londrina que reuniu 108 delegados escolhidos em assembléias de 12 (doze) segmentos culturais e de moradores de 6 (seis) regiões da cidade, além de representantes dos sindicatos de trabalhadores, do setor empresarial, do Executivo e Legislativo municipais, com o objetivo de deliberar sobre as principais diretrizes norteadoras da política de ação da Secretaria Municipal da Cultura, objetivando a universalização do acesso à cultura no município. Entre as diretrizes, aprovadas nesta Conferência, estava a criação do Programa Municipal de Incentivo à Cultura – PROMIC destinado a aprimorar o mecanismo de incentivo cultural municipal, ampliando o seu espectro de ação e promovendo desta forma amplas modificações na legislação existente. A legislação que implementou a proposta incorporava uma tendência contemporânea de reconhecer a relevância pública de um grande conjunto de grupos, projetos e agentes sociais. O PROMIC propunha a realização das políticas públicas na forma de parcerias entre Estado e Sociedade Civil, com os cidadãos se envolvendo em sua elaboração e execução. A lei n.º 8984, de 06 de dezembro de 2002, estabeleceu a criação do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC) e o Fundo Especial de Incentivo à Cultura (FEPROC), diferenciando-se da proposta anterior pelos seguintes aspectos: o mecanismo de apoio a todos os projetos culturais apresentados e aprovados seria o Fundo Especial de Incentivo à Cultura (FEPROC); e o estabelecimento de duas categorias de projetos passíveis de receber os recursos do FEPROC: Projetos Culturais Independentes (PCI) e Programas e Projetos Estratégicos (PPE).

O Fundo Especial de Incentivo a Projetos Culturais (FEPROC) foi criado com “o objetivo de propiciar os recursos financeiros necessários à execução da Política Cultural do Município”. Este fundo é capitalizado através de dotação orçamentária própria, doações ou contribuições de pessoas físicas ou jurídicas ou de organismos públicos e privados, nacionais e internacionais, além de recursos oriundos da União e do Estado. Entretanto não se estabelece um percentual para o repasse orçamentário, ficando esta definição

à cargo do Executivo. Sendo uma forma de administração de recursos públicos, o FEPROC está submetido à Lei 8666/93 (Lei das Licitações), que estabelece uma série de formalidades para o repasse dos recursos aos projetos, como a comprovação da regularidade fiscal com os entes públicos, a formulação de um plano de trabalho que especifique os objetivos e metas a serem alcançados com os projetos, a prestação de contas dos recursos recebidos, entre outras.

Além de promover um maior controle dos recursos públicos investidos na área cultural, o mecanismo de fundo permite também maior visibilidade do Poder Público Municipal enquanto patrocinador dos projetos. Na modalidade de Mecenato que existia com a Lei 5.305/92, não ficava clara a efetiva participação do município, uma vez que os produtores culturais ao captarem impostos de pessoas físicas e jurídicas entendiam que estes eram os patrocinadores desvirtuando o sentido da renúncia fiscal promovida pelo município. Dessa forma outros patrocinadores, que não o Poder Público, para participarem dos projetos culturais necessitam desembolsar outros recursos que não sejam aqueles vinculados à impostos.

Em se tratando de uma lei que busca a formulação de novos conceitos para o fomento de projetos e produtores culturais é importante a clara definição das duas categorias estabelecidas. Os Projetos dos Produtores Independentes (PCI) são aqueles que se orientam para o circuito cultural tradicional ou cuja inserção seja comunitária e vise estimular a produção artística e cultural nos bairros e regiões da cidade, em ambos os casos os projetos devem nascer da iniciativa independente dos produtores culturais. Já os Projetos e Programas Estratégicos (PPE) são aqueles que visam dimensionar a cultura para toda a cidade e ativar circuitos culturais, realizando as políticas públicas de cultura. Com relação a esta última modalidade, pode-se considerá-la como a principal inovação na nova versão do mecanismo de incentivo. Os projetos estratégicos são, portanto, aqueles que executam o projeto cultural do município, ocupando espaços públicos e mobilizando a população para viver a cultura. A realização da cultura como política pública, além da descentralização cultural, depende de mecanismos de mobilização, ou seja, de uma agenda que envolva a população e a estimule a expressar-se e a fruir as linguagens artísticas. Constitui uma mudança qualitativa a idéia de projetos e programas de caráter estratégico a serem gerenciados por produtores culturais, abrindo uma nova frente onde a sociedade civil possa influir nas decisões públicas, movimentando recursos no processo de desenvolvimento cultural.

Neste contexto os projetos da área de Patrimônio Cultural que, ao longo dos anos, foram selecionados para receber recursos do PROMIC representam a implementação do conceito de parceria preconizado para a realização dos serviços públicos sociais. Através da articulação empreendida pela Diretoria de Patrimônio Artístico e Histórico Cultural, buscando parcerias com entidades e produtores culturais foram propostos muitos projetos. Estes projetos apresentados possuem foco nas mais diversas ações, tais como, a preservação, a reflexão sobre a construção de uma política patrimonial em uma cidade de colonização recente como Londrina, a educação patrimonial, produção de inventários de bens culturais entre outras. Entre eles, um projeto patrocinado em 2002 pela Lei de Incentivo à Cultura, foi de fundamental importância para o estabelecimento de diretrizes, que passariam a nortear as ações patrimoniais na cidade, compondo dessa forma a política do setor. O projeto, sob a coordenação do Prof. Dr. Humberto Yamaki, elaborou o documento denominado Plano Diretor de Preservação que propôs diversas ações e estratégias para a área do Patrimônio Cultural. Uma das principais ações propostas foi a discussão e encaminhamento de uma Lei de Preservação a partir de minuta elaborada pela equipe que compôs o projeto. O documento passou por várias discussões, em segmentos diversos, audiências públicas, oficinas técnicas e comunitárias afetas ao processo de revisão do Plano Diretor da Cidade, sendo finalmente aprovada pela Câmara de Vereadores de Londrina e sancionada pelo Prefeito Municipal³.

³ Lei 11.118, de 19 de abril de 2011.

² MODESTO, Paulo. Reforma Administrativa e marco legal das organizações sociais no Brasil. Jus Navigandi, Teresina, ano 3, n. 30, abr. 1999. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=473>>. Acesso em: 15 de maio de 2010.

Também é importante ressaltar o grande número de obras publicadas com o apoio do fomento municipal sobre o Patrimônio Cultural, resultantes de dissertações de mestrado, teses de doutorado, pesquisas acadêmicas, biografias, acervos fotográficos, inventários. Esta produção tem contribuído decisivamente para o registro, a divulgação e o reconhecimento da História e do Patrimônio Cultural da cidade de Londrina. A distribuição sistemática dessas obras junto às redes pública e particular de ensino, universidades, órgãos de pesquisa, bibliotecas e pesquisadores da área também é uma meta que vem sendo atingida com sucesso pelo setor.

Todo este trabalho e articulação, dos vários projetos da área de patrimônio, já foi reconhecido por duas vezes pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional através do Prêmio “Rodrigo Melo Franco de Andrade”. Em 2003, a Prefeitura do Município de Londrina/Secretaria Municipal de Cultura/PROMIC – Programa Municipal de Incentivo à Cultura, recebeu o prêmio na categoria Patrocínio pelo fomento a projetos de publicações e ações diversas na área de Patrimônio. Em 2010, o mesmo prêmio foi novamente concedido à Prefeitura Municipal de Londrina, dessa vez na Categoria Educação Patrimonial pelas ações desenvolvidas pelo projeto Educação Patrimonial, um dos projetos de natureza estratégica apoiados pelo PROMIC.

Cada vez mais a realização de ações que contribuem para a preservação dos bens culturais é o resultado da ação do Estado e da participação da sociedade civil. Londrina possui uma experiência produtiva e sólida nesta área. É importante que todos estejam comprometidos para que os resultados aconteçam, notadamente neste momento em que, sancionada a Lei de Preservação, torna-se imperativa a estruturação dos setores de Patrimônio com vista à implementação desse instrumento jurídico. A recente aprovação, junto à VI Conferência de Cultura de Londrina, do Sistema Municipal de Cultura que traz em seu bojo, além do Plano Municipal de Cultura, um Sistema Setorial de Patrimônio e Museus, impõe um desafio a todos. Este desafio é a manutenção e aprimoramento das ações que vem sendo desenvolvidas através das parcerias entre a Administração Pública, as entidades e os produtores culturais. Todos, a medida de sua responsabilidade, deverão consolidar cada vez mais a Política Pública de Cultura, incluindo-se aí a área Patrimonial, como política de Estado e não somente de governos. #



Interferências em negativo e tratamento digital de Edson Vieira a partir de fotos de casais registradas por Yutaka Yasunaka no estúdio do Foto Estrela. Sobre um conjunto de imagens já deterioradas pelo tempo, o artista trabalhou os motivos que podem arruinar um casamento.

Fotomontagens: Edson Vieira. Acervo do artista.



No caminho até o aeroporto, Yutaka estaciona seu DKV Vemaguete em frente ao Obelisco do Jubileu de Prata, construído em comemoração aos 25 anos de emancipação política de Londrina.

No carro, seus filhos, Yumi e Yuji.

Nas ruas da cidade, pintava a esperança.

Ano de 1967.

Foto: Yutaka Yasunaka. Acervo: Foto Estrela.





O fotógrafo e o aviador, no Aero clube de Londrina, década de 1950. O primeiro arcava com o combustível, em busca de vistas aéreas da cidade, e o segundo com a direção, em busca de experiência. A cada voo, feito a uma velocidade média de 130 km por hora, Yutaka chegava a disparar até cinco filmes de 12 chapas 6x6cm, Asa 50, de sua Rolleiflex. Ajustava o foco no infinito e se contorcía para realizar as imagens sem que aparecessem as asas do avião. Segundo ele, quando o voo era feito em avião 'teco-teco', o piso da aeronave parecia ser feito de papelão... Os melhores voos eram a 300, 400 metros de altura, e dava preferência a dias sem nuvens, cujas sombras 'manchavam' as vistas aéreas. Das mais de mil fotografias restauradas no projeto Revelações da História, que gerou este livro, quase a metade referem-se a vistas aéreas. O que indica duas coisas: a grande procura do público por cartões postais de vistas aéreas, a ilustrar bem a expansão da progressista Londrina; e ainda, a relação de Yutaka Yasunaka com a fotografia.

É seu desejo de voar.

À direita, vista aérea do Aeroporto, envolto por cafezais. Final da década de 1950.

Foto: Yutaka Yasunaka. Acervo: Foto Estrela.



Do Ar

Car@ Leitor@

Você teve acesso às primeiras páginas do livro **Revelações da História: o Acervo do Fotoestrela** (2ª Edição), lançado em 2012.

Esperamos que tenha gostado!

Para conhecer a obra completa e ter acesso a mais de 150 imagens históricas impressas em material de alto padrão, adquira um exemplar e contribua para a realização de novas ações do Instituto Câmara Clara na preservação e difusão do patrimônio cultural.

O livro pode ser adquirido pelo site www.camaraclara.org.br

Ou solicitado pelo e-mail contato@camaraclara.org.br

Cordialmente, Daniel Choma, Tati Costa e Edson Vieira.

Coordenadores do Instituto Câmara Clara.



Imagem da capa e contracapa do livro, que tem formato 22x22 cm, capa dura, encadernação costurada e conteúdo de 176 páginas em papel couché fosco 150 gr.